



## **MULHER E NEGRA: A POESIA COMO INSTRUMENTO DA REAFIRMAÇÃO DE GÊNERO E ETNIA.**

Mara Fernanda Chiari Pires<sup>1</sup>

“A poesia constrói caminhos para a libertação”. Segundo Conceição Evaristo<sup>2</sup>, poetisa, escritora e pesquisadora, a poesia representa uma nova forma de luta pela reafirmação da identidade negra. A partir de um “instrumento múltiplo”, o verso da poesia, pode-se sugerir reflexões, fazer sonhar, transpor muros, desvelar a dor, revelar a força.

No Brasil, país com uma população de maioria negra, a fantasia de uma “democracia racial” encobre o caráter hegemônico da cultura do branco europeu, reflexo da história de escravidão já não tão recente, mas que resistimos em superar. Uma história que naturalizou desigualdades, injustiças, arbitrariedades e jogou homens e mulheres negras na condição de sub-humanidade. Herdeira do legado escravista, a sociedade brasileira perpetuou o lugar do negro – como escravo- reservando a ele todos os obstáculos ao exercício pleno da cidadania. Ainda hoje, homens e mulheres negras, com frequência, recebem os piores salários quando empregados, e, como grande contingente das camadas mais pauperizadas da sociedade, estão sujeitos aos tropeços das políticas públicas de saúde, educação, segurança, habitação.

Sobre a mulher (e) negra recai uma dupla opressão: do sexismo e do racismo. Sua pele negra, tomada como sinal indicativo da história de escravidão e jugo e das relações de poder entre senhor e escravo, indica também sua singularidade e não conformação ao hegemônico modelo branco-europeu de mulher, referência imposta por nossa cultura colonialista, que condiciona a percepção da mulher negra, construindo uma imagem de fragilidade, vulnerabilidade e sujeitando-a a múltiplas formas de violência..

Nesta condição, ser mulher e negra envolve um combate permanente por espaço, respeito e igualdade de direitos. O resgate histórico da condição de mulher negra é a reafirmação da história de resistência, daquelas que, durante séculos, foram reduzidas à condição de força de trabalho e objeto sexual. Ainda assim, foram elas que preservaram, mantiveram e perpetuaram os usos e costumes de suas origens africanas, que hoje compõem e enriquecem nossa cultura. Desconsideradas em suas necessidades, temores, desejos, laços afetivos, foram elas que, com o fim

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia (PUC/SP), Doutoranda em Ciências Sociais na Educação (FE/UNICAMP), Professora da Universidade Católica de Santos.

<sup>2</sup>Conceição Evaristo ,Revista Eparrei,Santos : Casa de Cultura da Mulher Negra , n. 11.



da escravidão, garantiram o sustento de sua família, trabalhando na casa dos antigos patrões, vendendo quitutes nas ruas, desempenhando tarefas jamais cogitadas pela mulher branca.

Reconhecer-se hoje como mulher negra é se saber herdeira de um legado deixado por outras mulheres, que na cor da pele imprimiram sua insubordinação ao jugo, à intimidação, ao sofrimento, em um processo que reafirma, corajosamente, sua opção pela vida em liberdade.

Ser mulher e negra é viver um processo de construção identitária que rompe com tendências naturalizantes, essencializantes e racializantes. Ao mesmo tempo, é escapar dos múltiplos e difusos elementos que determinam uma “performance cultural” estigmatizante, que, assimila a mulher negra a uma “lógica de mercado” e a um espaço restrito que a reduz e desqualifica.

A história de luta de mulheres negras se antecipa a todos os movimentos feministas, e vem se desdobrando e configurando em diferentes contextos histórico-sociais, tanto em seu caráter grupal, como nas conquistas individuais. Nos últimos 20 anos, grupos de mulheres negras têm mostrado que, de modo geral, nem mesmo os movimentos feministas têm abarcado as experiências de mulheres negras, visualizando-as e interpretando-as de forma equivocada, o que acaba por reafirmar, ingênua e perversamente, um olhar racista a tais experiências.<sup>3</sup> Isto porque, apesar de partilhar vivências comuns a mulheres de diferentes classes sociais, as negras também partilham daquelas próprias ao povo negro, o que lhes auferiu uma especificidade não incorporada pelos movimentos brancos. A luta de mulheres negras é específica, e deve ter “como eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossa sociedade”<sup>4</sup>. A luta contra a opressão envolve, necessariamente, a luta contra o racismo, uma experiência histórica da mulher negra que o discurso clássico sobre a opressão feminina não prioriza, da mesma forma que tenta ocultar a participação da mulher negra na vida econômica e social nos diferentes momentos históricos da sociedade brasileira. Para Carneiro,

“Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas.... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar!”<sup>5</sup>.

Mas a poesia constrói caminhos para a libertação, como afirma Evaristo<sup>6</sup>; E assim, a exemplo de outras grandes poetisas negras contemporâneas, Lina Efigênia Barnabé Cruz revela em sua poesia a disposição de luta, superação e enfrentamento, em sua expressão mais pura. Militante em movimentos de defesa dos direitos humanos, dirigente sindical, Lina resgata a história de muitas

<sup>3</sup> Valerie Amos and Pratibha Parmar. Challenging Imperial Feminism in *Feminist Review*. N. 17, July 1984.

<sup>4</sup> Sueli Carneiro, *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero* in *Racismos Contemporâneos*, pág 51.

<sup>5</sup> Idem, pág. 50.

<sup>6</sup> Entrevista de Conceição Evaristo para a Revista *Eparrei*, pág. 36-38.



outras mulheres. Os versos falam por si... Neles a luta, a determinação, a resistência e a dignidade, a construção da liberdade.

Esse pixaim é uma sarna,  
que não me deixa sossegar!  
Ele é um escudo e uma arma --  
por ele, comecei a lutar.  
É... ele me assusta e encoraja,  
com jeito persistente, rude e firme  
ele faz com que eu reaja.  
Ele é mesmo uma "mola", eu reconheço,  
aquela que me impulsiona  
e me incita todos os dias ao recomeço;  
que me exime, liberta e redime,  
e sempre e sempre me emociona!  
Ah, esse pixaim não me dá trégua:  
"-- Vai nega, vai nega, não se entrega!".

Lina Efigênia Barnabé Cruz :

Mulheres que firme lançam,  
A própria sorte escrita,  
Que deixou de ser maldita,  
Desde que se apropriaram,  
Do sangue da sua veia,  
Que jorra e incendeia,  
A cada gota lançada.



Do sangue da sua jornada,  
tinta de sua trajetória;  
E assim seguem altivas,  
Diligentes, combativas,  
Guerreiras fortes, valentes,  
No rumo certo da vitória!  
Mulheres que não se curvaram,  
Que estão sempre a parir.  
Que tiram as pedras da estrada,  
Dos que ainda estão por vir.

ALMA NEGRA.

Lina Efigênia Barnabé Cruz.

A minha alma canta:  
eu sou filha da terra, do chão, do sol,  
da lua prateada a atrevida  
refletida no Níger, brincando com a água da vida,  
zombando do destino.

Quando tento lembrar das memórias  
que poderia ter da minha nação,  
nada resta tal a força da escravidão;  
como resgatar minha história?  
Só consigo imaginar que a minha  
alma vaga por aí,  
(quem sabe até pulando qual saci?)  
lembrando a trajetória do passado:



de princesa a serviçal,  
de rainha a mucama;  
de matriarca a arrumadeira de cama.  
E meu homem?  
que sina mais boçal!  
de guerreiro a negro fugidio caçado,  
de conselheiro a moleque de recado,  
de rei a escravo capado,  
sem nunca ter merecido, sem sequer  
ser culpado.

E minha alma não pára, não se aquieta, não pausa...  
Ela segue pairando no ar,  
Construindo liberdade,  
Pois conservo minha altivez e  
dignidade,  
não me alquebrei ante a senzala  
ou o pelourinho;  
reafirmei minha alma de resistência  
e inconformismo,  
exercitando minha coragem nos  
quilombos,  
e levantando sempre, a cada tombo.

Então eu volto a sorrir, a dançar e a  
cantar:  
eu sou filha do raio do trovão, da luta,



da floresta,  
o calabouço não calou minha voz  
nem o grilhão pode conter meu  
espírito de liberdade,  
que luta por justiça, por reparação, por igualdade!

Eu sou, como tantas de nós:  
aquela negra ativa e decidida, que escolheu lutar pela vida,  
minha e de meus filhos, de meus  
descendentes,  
resgatando a lembrança de  
meus pais,  
então eu canto mais alto  
e grito contente:  
eu consegui quebrar todas  
as correntes,  
louvando os orixás e honrando  
os ancestrais!

*Referência Bibliográfica:*

AMOS, Valerie e PARMAR, Pratibha , Challenging Imperial Feminism, in *Feminist Review*. N. 17, July 1984.

CARNEIRO, Sueli, Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero, in *Racismos Contemporâneos*, Rio de Janeiro, Takano Editores, 2003.

CORREA, Mariza, A invenção da mulata, in *Cadernos Pagu*, 6-7, 1996.

DINIZ, Neide, Entre Prosas e Versos com Conceição Evaristo, *EPARREI*- Publicação da Casa de Cultura da Mulher Negra, de Santos, no. 11, 2º semestre 2006, ano V.